



A estudante Amanda Sousa é um dos milhares de aficionados que não perdem o carnaval temporão

Louco por micareta percorre o País

Loucos por Micaretas. Assim se definem alguns foliões de Brasília que, além da Micarecandanga, correm atrás de carnavais fora de época de outros estados. Passar fome, economizar cada centavo, distribuir panfletos nas ruas, se vestir de palhaço e ficar horas tentando chamar a atenção das pessoas nas ruas, são alguns dos sacrifícios que esses foliões fazem para conseguir chegar nas maiores Micaretas do País.

O estudante Guilherme Queiróz Andrade, 20 anos de idade, morador do Guará, é um desses fãs inveterados das Micaretas. Em promoção recente da rádio *Jornal de Brasília*, que oferecia mortalha, hospedagem e traslado aéreo para Fortaleza, onde aconteceu a *Fortal*, Guilherme conseguiu ganhar os prêmios porque ficou, em companhia de um amigo, acampado na porta da emissora por dois dias sem comer absolutamente nada.

Duplas — A rádio *Jornal* premiou 32 duplas que mais demonstraram vontade de ir para Fortaleza. A de

Guilherme, se chamou “Quarteto”. Teve gente, contou o locutor Andrey Sarita, que pregou cartazes em todos os postes da EPTG (Estrada-Parque Taguatinga Guará), que expressavam o desejo de participar da *Fortal*. “Gastou mais de 12 horas nesse trabalho, mas acabou conseguindo”, recorda-se Andrey.

Thiago Souza e Júnior Berto formaram a dupla “Duetto Maluco”. Passaram 15 dias colhendo 850 assinaturas, espalharam três mil panfletos nas ruas, bancaram do próprio bolso a confecção de 300 camisetas que estampavam a promoção da rádio e também distribuíram dezenas de adesivos nas ruas. “Valeu a pena”, resume Thiago.

Além da *Fortal*, Júnior e Thiago já participaram de outras Micaretas, como *Carnabelô*, *Carnagoiânia* e *Ilhéus Folia*, em Ilhéus (BA). Garantem firmemente que a melhor de todas é a *Fortal*. “É bem mais programada, os brindes dos Abadhás (kit com mortalha e outros objetos) é mais interessante e a seguran-

ça também é maior”, garante Júnior, morador do Núcleo Bandeirante.

Segurança — Em Brasília, garantem eles, a segurança deixa a desejar. Segundo os amantes inveterados da Micarê, o mais comum são os foliões que ficam na “pipoca” (geral) agredirem os que trajam mortalhas, que chegam a custar R\$ 400 às vésperas da festa. “Eles espancam e arrancam as mortalhas da gente num piscar de olhos”, contou a estudante Amanda Sousa Rosa, de 20 anos.

Amanda acompanha as Micaretas de outros estados e integra o bloco Eva, em Brasília. Guarda com carinho todas as mortalhas que já usou nos carnavais fora de época, exceto a da Micarecandanga de 1995, que foi roubada em plena festa. A estudante de odontologia da Foplac (Faculdade do Planalto Central) economiza cada centavo para participar das Micaretas. “Faço tradução e datilografo trabalhos para conseguir a grana necessária”, conta com orgulho Amanda. (MD)